



A primeira entre iguais



Frente a frente com Catherine Noyer-Riveau

Quando Catherine Noyer-Riveau entrar para o Conselho Diretor do Rotary International em julho do ano que vem, ela vai se destacar entre seus pares por motivos que vão além de seu charme parisiense. Catherine é uma legítima *prima inter pares* (a primeira entre seus iguais), a única mulher eleita até hoje para o Conselho Diretor de nossa organização. Representante da Zona 11 de 2008 a 2010, essa médica (a terceira geração de rotarianos em sua família) está sempre em busca de consenso e cooperação. Ela admite que o cargo de diretora traz a responsabilidade de portar a bandeira da igualdade de gêneros, mas prefere fugir da publicidade e não se define como uma feminista. Nesta entrevista concedida a Bettina Kozlowski para a *The Rotarian*, Catherine Noyer-Riveau diz que se vê simplesmente como uma rotariana. E como tal, está determinada a adotar a mesma estratégia que a trouxe até aqui: estabelecendo os padrões mais elevados e procurando superá-los.

BETTINA KOZLOWSKI: Como você se sente sendo a primeira mulher diretora do RI?

CATHERINE NOYER-RIVEAU: Não posso negar que me sinto feliz e orgulhosa, mas na verdade espero não ter sido escolhida somente pelo fato de ser mulher, e sim por minhas qualificações pessoais. Não acho que a diferença entre os sexos deva ser usada como argumento para o preenchimento de cargos ou funções. Acima de tudo, eu represento uma Zona Rotária, e quero servir bem a minha organização.

Como você vê sua missão de primeira diretora?

Depois de indicada, recebi e-mails de rotarianas me dizendo: "Agora vamos ter um projeto voltado às mulheres". Minha resposta a elas foi sempre a mesma: "Não, nós vamos continuar tendo projetos rotários". Como todo rotariano, sou uma profissional que usa parte do meu tempo para ajudar os outros – não importa se eles sejam homens

ou mulheres. No Rotary, não me vejo apenas como mulher.

Quais serão as suas metas como diretora?

Promover o significado do Rotary e de tudo aquilo que podemos fazer para auxiliar o próximo. A pobreza sempre vai existir, mas nós podemos fazer algo para reduzi-la. E a pobreza não é simplesmente uma questão material, ela também pode estar ligada à falta de educação e de informações. Sou testemunha desses problemas trabalhando como médica. Combater o analfabetismo feminino é uma das minhas prioridades. Mulheres educadas são capazes de controlar o número de crianças que vão ter, fazendo com que suas vidas mudem radicalmente. E tudo isso será feito por intermédio delas mesmas – aliás, esse trabalho já vem sendo feito.

Qual a sua estratégia para alcançar esses objetivos?

Tenho uma percepção de onde

queremos chegar. Acho que alguns rotarianos se esqueceram do que é o Rotary. Na Europa, este é um problema real. As pessoas participam das reuniões rotárias da mesma maneira que vão jogar cartas com os amigos. Alguns rotarianos também têm dificuldade de entender a missão e o funcionamento da Fundação Rotária, cujos magníficos programas podem nos ajudar a fazer mais e mais coisas. E em vez de nos envolvermos em pequenos projetos, podemos participar de iniciativas de grande escala, como acontece com o programa Polio Plus.

Não podemos esquecer da ajuda dos nossos parceiros, e que em 1985 havia 1.000 casos de paralisia infantil por dia em todo o mundo. Hoje, eles são 2.000 por ano. Meu irmão contraiu pólio, o que faz

nar-me diretora, mas a oportunidade bateu à minha porta. Esse é um fenômeno que está sendo observado em todas as áreas. Aqui na França, a candidata Ségolène Royal recebeu 46,9% dos votos nas últimas eleições presidenciais – e é claro que isto não aconteceu à toa. Estou convencida de que no fundo tenho um papel a desempenhar na promoção do sexo feminino, e de que eu preciso aprender a lidar com isso. Não posso ficar muito na sombra.

Quais os argumentos que você apresentou à comissão de indicação da Zona 11?

Eu disse à comissão que desejo preservar os valores eternos do Rotary, que são muito importantes e necessários para nós – a compre-

imagino, começaram a mencionar meu nome. No Rotary, as mulheres já costumam se destacar em meio aos demais. Quando você é a única mulher, mesmo que não seja a mais brilhante, então você se torna a primeira a ser notada. Mas ser mulher tem suas vantagens e desvantagens. Logo que fui escolhida, alguém disse: “Quer dizer que a partir de agora é preciso usar uma saia para ser escolhido?” Isso não é muito agradável de se ouvir (*risos*). Mas sempre foi assim, e a gente não pode evitar os comentários alheios.

Qual o papel do Rotary na sua vida?

Em primeiro lugar, tenho uma condição especial no meu clube porque praticamente nasci lá. Meu pai e meu avô fizeram parte

Depois até poderemos pensar numa outra campanha corporativa, mas é indispensável que primeiro vençamos nossa luta contra a paralisia infantil

dessa luta algo muito íntimo para mim. Nós precisamos terminar nosso trabalho de erradicação da poliomielite, mesmo que os rotarianos já se sintam cansados de nos ouvir falar disso. Depois até poderemos pensar numa outra campanha corporativa, mas é indispensável que primeiro vençamos nossa luta contra a paralisia infantil.

Você se incomoda com a atenção que vem despertando?

Sim, isso me deixa um pouco sem jeito. Sinceramente, eu acharia melhor falar sobre o Rotary na França ou sobre a Zona 11 do que falar sobre o fato de ser a primeira mulher no Conselho Diretor do RI. Sou mulher e não me considero mais ou menos competente que qualquer outra pessoa. Sinto orgulho em representar o sexo feminino, mas não acredito que deveria ser o centro das atenções.

E eu não tinha ambições de tor-

ensão mútua e a ética, especialmente, pois como rotarianos nós somos profissionais que respeitam o comportamento ético e usam suas capacitações para ajudar os outros. Minha outra motivação é promover a língua e a cultura francesas. É bom saber inglês, mas todos nós deveríamos ter orgulho de falar o nosso próprio idioma.

Como foi que você convenceu a comissão a elegê-la?

Esta é uma boa pergunta, embora eu não saiba responder (*risos*). Bem, eu tenho muitos amigos no Rotary e sou muito dedicada à organização. Visitei muitos distritos e governadores da Zona 11, tanto que os membros da Comissão de Indicação já me conheciam. Representei o presidente do RI em três ocasiões e fui líder de treinamento em algumas Assembléias Internacionais. Dessa maneira, conheci muitas pessoas que, assim eu

do quadro social do RC de Paris. Somente o meu pai foi sócio por 52 anos. Quando eu tinha 14 ou 15 anos, ele começou a me levar aos eventos rotários, o que foi muito bom. Em 1953, passei de mãos dadas com ele na Convenção Internacional de Paris. É o que eu sempre digo às pessoas: nossa história com o Rotary começa bem cedo.

Fale um pouco sobre sua trajetória como rotariana.

No período de 1990-91, em visita ao clube do meu marido – o RC de L'Isle Adam-Beaumont-sur-Oise (D.1660) – o então governador François Duviard-Marsan declarou que pretendia criar clubes mistos. “Precisamos de mulheres comprometidas com suas profissões”, ele disse. Foi então que o presidente do clube, um amigo meu, disse: “Conheço uma pessoa que tem esse perfil”. E foi assim que me tor-

IDADE: 58 **MARIDO:** o rotariano Jean-François Riveau, oficial da Marinha reformado e banqueiro **FILHOS:** Thomas e Nicolas; e uma filha, Laurence **CARGOS PÚBLICOS:** vereadora em L'Isle-Adam, na França **PROFISSÃO:** médica ginecologista, com consultório em L'Isle-Adam; diretora do Centro de Proteção à Mãe e à Criança, que cuida de mulheres e menores que sofreram abusos **ANO DE INGRESSO NO ROTARY:** 1991 **CLUBE ATUAL:** RC de Paris **CARGOS NO ROTARY:** governadora distrital em 1999-2000, líder de treinamento nas Assembléias Internacionais de 2004 e 2005; assessora nacional para o Fundo Permanente em 2005-06; assessora para os Doadores Extraordinários em 2006-08 **SEGREDO DO SUCESSO:** não dormir. “Quando estou realmente atarefada, meu dia começa às 8h e termina às 22h. E este horário não inclui o Rotary. Chego a atender até 40 pacientes. Não durmo muito, cerca de cinco horas por noite – suficientes para me deixar cheia de disposição”.



nei uma das sócias fundadoras do RC de Paris-La Défense-Grande Arche, isso em 1991.

Qual a presença feminina no seu clube atual, o RC de Paris?

Meu clube tem 252 sócios, dos quais 17 são mulheres. É preciso dizer mais alguma coisa?

Você acha que o Rotary tem sido mais lento que o resto da sociedade no processo de aceitar as mulheres para funções de liderança?

O chauvinismo não desapareceu. Nós ainda somos uma sociedade dominada pelos homens. Isso também acontece na minha profissão. Lembro-me de ter sido vítima de golpes sujos na faculdade de

Rotary? E elas podem ser presidentes?" Para eles aquilo representava uma revolução. Os comportamentos mudam com a sociedade. Meu pai tem 90 anos de idade e tinha uma empresa que produzia louças vitrificadas, onde não trabalhavam mulheres. Eu queria estudar arquitetura, mas um dia ele me disse: "Espero que você não esteja pensando em se tornar arquiteta!" Meu próprio pai era contra a admissão de mulheres no Rotary (*risos*). Ele ainda era rotariano quando entrei para o RC de Paris. Mas ele não votou contra mim. Havia um colaborador do clube que me conhecia desde que eu tinha quatro ou cinco anos, e que também era contrário à presença feminina nos clubes. Mas meus pais sentem-se or-

Como seu marido reagiu a sua indicação para diretora do RI?

O clube do meu marido tem 25 sócios. A filosofia de recrutamento deles é diferente, e eles não admitem mulheres. Não foi fácil para eles aceitar que eu tinha entrado para o Rotary e havia progredido na hierarquia. Eles agora estão convivendo com o problema, embora ainda estejam um pouco confusos. As pessoas têm que abraçar as mudanças. Mas isso está se alterando. Quando se tem um clube pequeno, formado apenas por homens, e as mulheres deles se mostram muito ativas, os sócios ficam na defensiva diante de uma rotariana. Ela faz com que eles se sintam me-

As coisas serão diferentes nos próximos 15 anos, porque gerações mais jovens estarão trabalhando ombro a ombro com as mulheres, e mulheres de força

medicina pelo fato de ser mulher. Faziam de tudo para me desencorajar. Isso sempre fez parte do jogo, não só na medicina, mas em outras profissões. Por essa razão, quero ajudar a promover certas práticas éticas. Os Rotary Clubs são uma espécie de fortaleza das elites. Na França, o problema do Rotary é a idade média dos sócios, que é alta. As coisas serão diferentes nos próximos 15 anos, porque gerações mais jovens estarão trabalhando ombro a ombro com as mulheres, e mulheres de força.

Então você está dizendo que as mulheres ainda enfrentam machismos no Rotary?

Lembro da Convenção Internacional de 1995, que ocorreu em Nice, na França. Na época eu usava uma faixa branca, porque era presidente-eleita do meu clube. Alguns me paravam e perguntavam: "Agora nós temos mulheres no

gulhosos de mim e compareceram à recepção que o clube ofereceu para comemorar minha indicação para diretora do RI.

Que influência o Rotary teve em sua vida profissional?

Sou médica ginecologista e trabalho em meu próprio consultório. Vim para o Rotary conhecer profissionais de outras áreas. Na minha profissão, não podemos conversar sobre nossos problemas pessoais com os pacientes ou funcionários para não darmos a impressão de fraqueza. Só podemos fazer nossas confidências a outros profissionais. Diante disso, o Rotary era a solução. Parte da grandeza de nossa organização vem de sua capacidade de juntar profissionais de diferentes áreas. Descobrimos, subitamente, que podemos compartilhar as mesmas preocupações. Esta é uma das grandes forças do Rotary.

nos importantes. Mas isso está mudando, principalmente a partir do relacionamento deles com as próprias filhas.

O que você vai fazer depois dessa entrevista?

Vou jantar. Meu marido não está em casa, ele foi receber um grupo de IGE que chegou do Gabão. O líder do grupo está hospedado conosco.

Você pensa em ser presidente do RI?

Não, de forma alguma. Mas por outro lado eu nunca tinha pensado em tornar-me diretora. Assim, quem sabe?

Bettina Kozlowski é ex-editora internacional do RI. A entrevista foi feita em francês e traduzida por Alain Drouot, intérprete e tradutor sênior do Rotary International.



Você também quer fazer parte do Conselho Diretor do RI?

VEJA COMO FUNCIONA: vindos de diferentes regiões geográficas do mundo, os diretores do RI são os responsáveis por estabelecer as políticas e supervisionar os fundos de nossa organização. Cada diretor tem um mandato de dois anos. ■ Os diretores indicados são selecionados pelas respectivas comissões nas 34 Zonas Rotárias, em base rotativa. Cada distrito elege um representante para atuar nessa comissão de indicação, formada tipicamente por rotarianos que evoluíram em sua trajetória rotária, servindo como presidentes de clube, governadores e membros de várias comissões internacionais. ■ O diretor indicado é eleito na convenção do RI pelos delegados votantes, que são escolhidos por seus clubes. ■ Para informações mais detalhadas a respeito destas regras, consulte seu *Manual de Procedimento*. 🌐